



Para o estudo das tradições populares

Dirigida por José da Silva Vieira

Os casamentos na Corêa

A cerimonia do casamento na Corêa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a cerimonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido.

Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla tunica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á bocca.

Foita esta «toilette,» sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannos de diversas cores.

Rodeiam a liteira varias raparigas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vazos de porcelana e executando no tracto, danças originalissimas.

O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquim e offerece varias gozozeimas ás suas companheiras

Ao transportar os humbraes da casa do seu escolhido, assenta-se em

frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As pessoas da familia entoam canções monotonas.

Findos os descantes acerca-se da noiva uma mulher, e vasa-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto.

Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcova nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lhes levam alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recém-casada abandona o tecto conjugal e volta ao lar paterno onde permanece cem dias e cem noites. Quando este praso expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo.

Arrependeu-se.

Costumes de Sião

Um jornal de Bangkok conta que os siamezes teem um modo curioso de punir os seus agentes de policia, culpados de um delicto qualquer.

Ultimamente, á porta de uma das estações policiaes, via-se um dos agentes, com as mãos atadas atraz das costas e um letreiro no peito que dizia: «Chamo-me Cerddy e pertenço a esta estação policial. A noute passada roubei uma espada que pertencia a S. Magestade e fui apanhado em flagrante por um guarda quando a trazia debaixo do braço. Hoje estou arrependido d'esta má acção.

O inspector está furioso comigo e diz que eu mereço castigo, pois o meu delicto é grave, visto que pertenço á policia,

Peço a quem passar por aqui que me olhe com attenção e diga depois se eu mereço chicote. Em minha opinião, o meu delicto não é grave, porque muita gente aqui faz o mesmo».

Uma curiosa solemnidade de ramos no Minho

O snr. conego Bento José Barroso illustrado capellão de infantaria 8 e zeloso correspondente do «Commercio do Porto», em Braga, refere assim uma solemnidade de Ramos, realisada em uma aldeia proxima de Braga:

Desejando o parochio da alludida freguezia dar uma feição mais característica ao acto religioso que a Egreja commemora em domingo de Ramos, mandou procurar um jumento,

sobre cujo dôrso pôde segurar a imagem do Senhor dos Passos, fazendo em seguida com tal apparato a procissão propria n'aquelle dia.

O pobre quadrupede (o jumento entendá-se bem) andou sempre muito contente e satisfeito em volta da egreja enquanto o zeloso parochio entoava, obrigados a cantochão, os versiculos «Pueri Hebraeorum, tolentes ramos olivarum obviaverunt Domino, clamantes et dicentes: Hosanna Filio David etc.»

Quando, porém, teve a ditosa honra de dar ingresso no templo, o bom do animalejo talvez por aborrecido de tantos «Hossannas» e de tanta festa que em nada lhe alliviava o fardoposado, que tinha sobre o hombro entendeu que, depois de cumpridos os seus deveres, devia atirar com a carga ao chão, visto que tanto se demoravam em tirar-lh'a aquelles que o obrigaram a representar aquelle papel!

Escusado será dizer, que semelhante acontecimento dispertou a maxima hilariedade entre os fieis, que aliás nunca haviam presenceado, tanto ao vivo a entrada triumphante do Salvador em Jerusalem.

Pobre christianismo que papeis te fazem representar os hypocritas e phariseus modernos!!!

Das cerlmonias e estylo que se praticavam nas mortes dos reis

Havia costume antigamente em Portugal, deduzido desde o tempo da gentildade, tanto que morria alguem, conduzirem a preço certas

mulheres, chamadas pranteadeiras, para virem assistir aos defuntos. e acompanhal-os até á cova, chorando e pranteando sobre elles. Por esta cerimonia começava a demonstração do sentimento; e, quando a pessoa era real, se executava com muito excessõ, e maior numero de pranteadeiras, ou carpideiras, as quaes entre as lágrimas e os gemidos misturavam louvores ao defunto, que, se era rei, diziam d'elle o bom tratamento que fizera ao seu povo, que o não vexára com tributos. que introduzira tanto dinheiro no thesouro, accrescentando tanto mais sobre o que herdára; e com estes e outros elogios, gritando e soluçando, faziam mais luctuoso aquelle regio funeral.

Assim consta que se fizera no enterro d'el-rei D. Diniz e no de el-rei D. Fernando, até que no tempo d'el-rei D. João I fez o senado da camara de Lisboa extinguir semelhante costume, conservando-se porém ainda até o tempo de el-rei D. Manoel o luto de burel, porque o primeiro luto regro que usou n'este reino foi o que se vistiu na morte de D. Filippa, tia d'el-rei D. Manoel. Isto supposto, tanto que fallecia algum dos reis portuguezes se despachavam logo correios para as comarcas do reino, com a qual noticia se levantavam nas cathedraes e parochias tumulos de madeira cobertos de lutos para se fazerem os officios e funeraes, dobrando ao mesmo tempo os sinos.

Depois sahia em dia determinado, da casa do senado, a comitiva seguinte: a principal pessoa ia a cavallo vestida de luto, e levava uma

bandeira negra ao hombro, que arastava até ao chão. Com o mesmo luto e da mesma sorte o seguiam os tres vereadores d'aquelle anno, acompanhados de toda a nobreza, e assistidos de tres ministros, que lhes levavam tres escudos pretos; e caminhando para a parte mais publica do lugar, onde já estava prevenido um estrado com alguns degraus; coberto tudo de pannos negros, subia n'elle o primeiro vereador com um escudo preto nas mãos, e voltado um pregoeiro para o povo, dizia tres vezes em voz alta: «ouvide, ouvide, ouvide». Logo o primeiro vereador dizia estas palavras, que levava escriptas: «chorae povo, choraè a morte de vosso rei, que vos governou com justiça e amôr de pae». E subindo o escudo sobre a cabeça o deixava cahir em terra e se quebrava. Com as mesmas circumstancias se repetia a mesma cerimonia pelos outros vereadores, levantando ao mesmo tempo o povo grandes clamores e prantos. Depois caminhavam para a igreja na qual assistiam ao fueral, que tambem se fazia com aquella expressão de pena e dôr que merecia a grandeza da perda. Veja-se Damião de Goes, Gracia de Rezende e outros chronistas antigos, que as descrevem com miudeza.

Na côrte se fazia este acto com maior pompa, porque ao alferes da cidade pertencia levar a bandeira, aos vereadores, varas pretas nas mãos, a dois juizes do crime e um do civil o levaram sobre a cabeça os tres escudos, que pela referida ordem se quebravam, o primeiro no taboleiro da Sé, o segundo no meio da rua Nova,

e o terceiro no Rocio.

● lenço d'assoar

Toda a gente usa de lenço d'assoar—toda a gente é uma maneira delicada de dizer—mas o que nem toda a gente sabe, com certeza, é qual foi a origem de esse objecto, tão indispensavel na «toilette» moderna.

O lenço d'assoar descende em linha recta do «sudarium» romano, e appareceu na Italia, na idade media, sob o nome de *Pazzali*.

O imperador Frederico II, da Allemanha, ordenou o seu uso aos seus intendentes, uso que rapidamente se propagou por todos os paizes do norte.

Entretanto, no seculo XVI, esse uso não estava ainda em voga entre toda a gente, pois Eramos recomendava com insistencia, a quem quizesse passar por bem educado, não fazer uso das mãos ou das mangas dos vestidos e tunica, para os serviços que o lenço é destinado a desempenhar.

● numero cinco

Os chins tem uma grande predilecção pelo numero cinco.

Segundo a sua opinião, ha cinco elementos: AGUA, FOGO, METAES, MADEIRAS e a TERRA. Cinco virtudes perpetuas: BONDADE, JUSTICA, PROBIDADE, SCIENCIA e VERDADE. Cinco gostos: AZEDO, DOCE, AMARGO, ACIDO e SALGADO. Cinco côres: AZUL, AMARELLO, CÔR DE CARNE, BRANCO e PRETO. Reconhecem cinco visceras no homem: FIGADO, CO-RAÇÃO, PULMÕES, RINS e ESTOMAGO.

Contam cinco orgãos nos sentidos: OUVIDOS, OLHOS, BOCCA, NARIZ, e SOBRANCELHAS.

Um auctor chinez escreveu um dialogo singular entre estes orgãos, no qual a bocca se queixa de que o nariz está muito perto e por cima d'ella; o nariz defende os seus direitos allegando que sem elle poderiam muitas vezes entrar na bocca alimentos corruptos; depois passa o nariz tambem a queixar-se de estar debaixo dos olhos, estes respondem-lhe que se não fossem elles, correr-se-hia muitas vezes o risco de dar com o nariz no chão.

Preceitos e maximas do agricultor

Toda a terra de pão pode ser de prado. Ha mais especies de prados do que de cereaes.

Quem prados não semeia pouco trigo ceifa: ou pequena estrumirá, pequeno celloiro.

O exemplo é o melhor dos mestres.

Préga com o exemplo e não perderás palavra.

Quem sempre lavrar tudo, não trará calções de velludo.

Quem não tiver prados pouco trigo colherá.

Não desejes vastas terras,
Que não possas cultivar;
Pouco enfeixa e pouco aperta,
Quem muito quer abarcar.

Mais vale uma vista do dono, do que com brados do abegão.

(Continúa)